



Universidade Federal do Pampa

**Campus Santana do Livramento
Graduação em Administração
Trabalho de Curso**

HISTÓRIA DE VIDA DE MULHERES QUE EMPREENDEM NA REGIÃO DA FRONTEIRA OESTE DO RIO GRANDE DO SUL

Autoria: Ana Julia Machado da Cruz

Orientador: Prof. Dr. Igor Baptista de Oliveira Medeiros

Resumo: O presente estudo teve como objetivo analisar a história de vida das mulheres que empreendem na região da Fronteira Oeste do Rio Grande do Sul. Para tanto, a pesquisa foi realizada com cinco mulheres empreendedoras, nas cidades de Rosário do Sul, Santana do Livramento e São Gabriel. O estudo possui uma abordagem qualitativa e o método utilizado para a realização do trabalho foi o de História de vida, tendo como instrumento de análise dos dados a análise interpretativa. Os resultados da pesquisa demonstraram que apesar dos avanços e das conquistas femininas com o passar dos anos, as mulheres empreendedoras ainda sofrem com a discriminação no meio empresarial, enfrentam dificuldades no acesso a fontes de financiamento, a sobrecarga pelo fato de conciliarem múltiplos papéis (esposa, mãe, empresária, etc). Geralmente essas mulheres possuem um perfil mais flexível, empático do que os homens; também costumam ser focadas, responsáveis e muito dedicadas ao seu negócio, procurando constantemente aperfeiçoá-lo. Também possuem um perfil rígido quando se trata dos gastos da empresa, para que desta maneira, ela possa se manter produtiva e competitiva no mercado.

Palavras-chave: Empreendedorismo Feminino, Mulheres Empreendedoras, Fronteira Oeste, Rio Grande do Sul.

LIFE STORY OF ENTREPRENEUR WOMEN IN THE WEST BORDER REGION OF RIO GRANDE DO SUL

Abstract: This study aimed to analyze the life history of women entrepreneurs in the West Frontier region of Rio Grande do Sul. For this purpose, the research was conducted with five women entrepreneurs in the cities of Rosário do Sul, Santana do Livramento and São Gabriel. The study has a qualitative approach and the method used to perform the work was life history, using the data analysis instrument as the interpretative analysis. The survey results showed that despite advances and female achievements over the years, women entrepreneurs still suffer from discrimination in the business environment, face difficulties in accessing sources of finance, the burden of reconciling multiple roles (wife, mother, businesswoman, etc). Usually

these women have a more flexible, empathic profile than men; They are also often focused, responsible and very dedicated to their business, constantly striving to improve it. They also have a rigid profile when it comes to company spending so that they can stay productive and competitive in the marketplace.

Keywords:Female Entrepreneurship, Women Entrepreneurs, West Frontier, Rio Grande do Sul.

HISTORIA DE VIDA DE LAS MUJERES EMPRENDEDORES EN LA REGIÓN FRONTERIZA OCCIDENTAL DE RIOGRANDE DEL SUR

Resumen:Este estudio tuvo como objetivo analizar la historia de vida de las mujeres emprendedoras en la región de la Frontera Oeste de Rio Grande do Sul. Para este fin, la investigación se realizó con cinco mujeres emprendedoras en las ciudades de Rosário do Sul, Santana do Livramento y São Gabriel. El estudio tiene un enfoque cualitativo y el método utilizado para realizar el trabajo fue el de la historia de la vida, utilizando el instrumento de análisis de datos como análisis interpretativo. Los resultados de la encuesta mostraron que a pesar de los avances y los logros de las mujeres a lo largo de los años, las mujeres empresarias aún sufren discriminación en el entorno empresarial, enfrentan dificultades para acceder a las fuentes de financiación, la carga de conciliar múltiples roles (esposa, madre, empresaria, etc.). Por lo general, estas mujeres tienen un perfil más flexible y empático que los hombres; También a menudo están enfocados, son responsables y muy dedicados a su negocio, y se esfuerzan constantemente por mejorarlo. También tienen un perfil rígido cuando se trata de gastos de la empresa para que puedan mantenerse productivos y competitivos en el mercado.

Palabras-clave:Emprendimiento femenino, mujeres emprendedoras, West Frontier, Rio Grande do Sul.

1 INTRODUÇÃO

Simone de Beauvoir em uma passagem de seu livro “O Segundo Sexo” cita o seguinte trecho: “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade, é o conjunto da civilização que elabora esse produto” (BEAUVOIR, 1980, p. 13-14).

Baseado na ideia do texto mencionado anteriormente, é possível observar que ao longo da história foram atribuídos a homens e mulheres papéis sociais diferentes, cabendo ao homem a provisão do sustento da família, enquanto às mulheres eram delegados os cuidados do lar. Tais crenças fortaleceram culturalmente a ideia de que o espaço público não era um ambiente feminino, dessa maneira, durante anos foram cessados direitos fundamentais, que garantiam a cidadania às mulheres. De acordo com o pensamento de Tosi (2016, p. 2) “Do século XVIII em diante, o ideal ocidental da cidadania plena baseada nos princípios de liberdade, participação e igualdade para todas as pessoas serve como parâmetro para o julgamento da qualidade da cidadania em um país”.

Tais desigualdades levaram às mulheres a desenvolver consciência dos seus direitos enquanto cidadãos e lutar por estes, através de movimentos sociais, que

desempenharam um papel fundamental na conquista de direitos e na participação da mulher na esfera política, social e econômica.

No âmbito empresarial, não é diferente, apesar de anos de luta feminina ainda são notáveis as desigualdades entre os gêneros, especialmente quando se trata de gestão e ocupação de cargos de destaque nas organizações. No que tange ao empreendedorismo, também é perceptível a diferença, de acordo com dados do Global Entrepreneurship Monitor (GEM), em 2016, o número de mulheres empreendedoras no Brasil é cerca de 42,7%, enquanto os homens são 57,3%.

Alperstedt et al. (2014) relatam em sua pesquisa que as mulheres passam por diversas dificuldades desde o momento em que decidem empreender até o estabelecimento, de fato, de suas empresas, a autora cita que além dos problemas inerentes ao empreendedorismo, a condição das mulheres contribui para o aumento das dificuldades durante o processo empreendedor”. Ela elenca em sua pesquisa as maiores barreiras relatadas por essas mulheres no processo empreendedor, sendo a dificuldade em conciliar a vida conjugal, materna e de empreendedora, a mais citada em seu estudo. Seguida pela gestão financeira de seus negócios, fato que a autora não pôde confirmar se é relacionado à questão de serem mulheres ou da falta de planejamento.

Porto (2002) também reforça essa ideia em seu estudo, onde afirma que as empreendedoras que possuem família e filhos sentem-se culpadas por dar mais atenção ao negócio e deixar de lado as relações familiares, colocando-as então em desvantagem em relação aos homens que, em geral, separam as esferas públicas e particulares, devido ao seu papel social de provedor da família.

Em contrapartida, Powell e Eddleston (2013 apud ALPERSTEDT, 2014) através de seu estudo realizado com 253 empreendedoras puderam apurar que as mulheres beneficiam-se positivamente do suporte que recebem de suas famílias, sendo este, um fator que contribui para o sucesso nos empreendimentos. Além de entender quais são suas maiores dificuldades é necessário entender qual o perfil dessas mulheres e quais são suas maiores motivações quando decidem tomar a decisão de ser autônomas e abrir seu empreendimento.

De acordo com estudo realizado pelo Sebrae (2019), foi possível traçar um perfil das mulheres empreendedoras no Brasil, a pesquisa aponta que que 44% das empresárias abrem um negócio por necessidade, possuem um nível de escolaridade maior que o homens, cerca de 16% maior. Ademais, o estudo também aponta que aproximadamente 25 % das mulheres Donas de negócio trabalham em casa e em sua maioria atuam majoritariamente em áreas relacionadas a beleza, moda e alimentação. Também vale ressaltar, que através dos dados obtidos pelo Sebrae, foi possível averiguar que apesar das mulheres tomarem menos empréstimos nos bancos, pagam taxas de juros maiores comparadas aos homens, apontando certa discriminação e diferença de tratamento sofridas na hora de obterem recursos financeiros para o desenvolvimento e melhoria nos seus negócios.

Considerando esse contexto de análise, o presente estudo tem como objetivo geral: analisar a partir da trajetória de vida, o perfil de mulheres que empreendem na Região da Fronteira Oeste do Rio Grande do Sul. Para tanto, os objetivos específicos ficaram: a) analisar quais foram suas motivações para abrir seus próprios negócios; b) investigar quais foram os desafios enfrentados por elas para empreender; c) descrever as características de gestão dessas mulheres empreendedoras.

A discussão acerca do empreendedorismo feminino levanta questões que vão além, da maneira que as empresárias conduzem e sustentam seus negócios, trata-

se de uma mudança no modo como os negócios serão gerenciados futuramente, através da visão feminina, além de promover mudanças na sociedade, nas estruturas familiares, já que uma grande parcela das mulheres são provedoras do seu lar, isso refletirá também em mudanças nas empresas e como elas se posicionam (GOMES, 2004).

Portanto, considerando o crescimento e a participação mais ativa das mulheres no mercado de trabalho, faz-se necessário aprofundar estudos e o fomento do empreendedorismo feminino. Gimenez et al. (2016, p. 66) afirmam que “poucos estudos tentam formular proposições mais gerais sobre o que é o empreendedorismo feminino, como ele acontece, por que acontece e com quais resultados”. Demonstrando assim, uma lacuna a ser observada.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Este capítulo tem como objetivo trazer questões que abrangem o Empreendedorismo Feminino, trazendo conceitos iniciais para que se torne compreensível o panorama brasileiro em relação a este tema, tornando possível a análise posterior das mulheres que empreendem na Região da Fronteira Oeste do Rio Grande do Sul.

2.1 Panorama do Empreendedorismo Feminino no Brasil

Entende-se que o sucesso das empresas, sejam elas grandes ou pequenas, está diretamente ligado ao desenvolvimento de um país, de uma região ou de um setor de atuação, Schumpeter através de seus estudos diz que o empreendedor é o indivíduo que através de suas ideias e ações é promotor desse desenvolvimento, ele cita em sua obra que dentre as capacidades desse empreendedor estão: a) “introdução de um novo bem”; b) “introdução de um novo método de produção” c) “abertura de um novo mercado” d) “conquista de uma nova fonte de oferta de matérias primas ou bens semimanufaturados; d) constituição ou fragmentação de posição de monopólio” (SCHUMPETER, 1985, p. 49).

Drucker no que se refere aos empreendedores, caracteriza-os como pessoas que estão abertas a mudanças e com capacidade de inovação, pois a capacidade de se transformar gera oportunidades para algo novo e diferente. “A inovação sistemática, portanto, consiste na busca deliberada e organizada de mudanças, e na análise sistemática das oportunidades que tais mudanças podem oferecer para a inovação econômica ou social” (DRUCKER, 2002, p. 45).

No entanto, deve-se observar que existem algumas diferenças entre homens e mulheres neste campo, seja no modo que gerenciam as organizações como também, diferenças de oportunidades e de tratamento. Machado et al. (1999) através de pesquisas e trabalhos realizados, buscou traçar um perfil psicológico e de comportamento das mulheres que empreendem, com base nesses estudos é possível aferir que: majoritariamente são primogênicas ou filhas únicas, possuem um bom nível educacional e têm pais empreendedores, que servem como modelo.

Coube a Dhaliwal (2006 apud GOUVÊA, 2013), analisar o perfil das mulheres que empreendem, através de estudos realizados, com o objetivo de entender quais suas motivações e quais suas características no modo de gestão, dentre estes aspectos, os resultados apontam que, a iniciativa de começar um negócio tende a ser entre mulheres mais jovens, em torno de 20 a 40 anos de idade, também é possível observar os motivos que as levam a começar um novo negócio são na

maioria das vezes por busca pela independência financeira, flexibilidade de horários, além disso também citaram a possibilidade de conciliar o cuidado dos filhos com o trabalho.

Machado (2013) também mencionou em seu estudo que as motivações são predominantemente de cunho econômico e pela insatisfação com trabalho, em relação a outras questões como flexibilidade de horário e conciliação de assuntos familiares com o trabalho.

Ademais, Richardrsen, Burke e Sanner (2000 apud ALPERSTEDT et al., 2014) mencionam em seu estudo que, em sua maioria, as empreendedoras começam a atuar na área de comércio e de serviços, comumente com pequenas empresas.

Tendo em vista o que foi mencionado acima, é possível observar através do estudo realizado por Machado et al. (2013), as seguintes afirmações em relação a um grupo de empreendedoras brasileiras, a autora afirma em seu estudo que em média a faixa etária com que elas sentem-se motivadas a empreenderem é de 20 à 45 anos, tendo em sua disposição um capital inicial de R\$ 3.200,00 a R\$ 156.000,00.

No que tange à escolaridade, o estudo diz que “quando elas criaram as empresas, 3,13%, tinham o primeiro grau completo; 60,41% tinham o segundo grau completo; 31,25%, o ensino superior completo; e 5,21%, pós-graduação lato sensu”. Dessa maneira, observa-se que o grau de escolaridade é relativamente baixo.

Em relação à ocupação das empresárias antes da abertura foi possível averiguar, que “35,42% tinham outro emprego em empresas de grande ou pequeno porte e 35,42% estavam desempregadas ou não trabalhavam”, todos esses fatores contribuíram de certa maneira para que elas desenvolvessem e trabalhassem a ideia de criar um negócio que aliasse seus interesses pessoais com os interesses profissionais (MACHADO et al., 2013).

Em pesquisa recente publicada pelo Sebrae em parceria com a Global Entrepreneurship Monitor (GEM) e o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), algumas informações apontam qual a situação da empreendedora no Brasil, os dados mostram no ano de 2018, o país encontrava-se na sétima colocação de empreendedoras iniciais em um ranking de 49 países, mas mesmo com esse cenário apontando para um avanço positivo, a mudança de empreendedoras para “Donas de Negócio” é mais baixa em comparação aos homens, cerca de 40% menor. Outros aspectos que também são importantes de salientar são que mais de 2/3 das empreendedoras brasileiras trabalham sem registrar seu negócio, ou seja, sem Cadastro Nacional da Pessoa Jurídica (CNPJ). No entanto as que possuem regularização costumam obterem menos empréstimos, mas pagam um juro mais alto do que os homens, apesar do se índice de inadimplência ser menor.

No entanto, é necessário analisar também, quais são as outras motivações que fizeram mulheres abandonarem trabalhos estáveis, pela incerteza do empreendedorismo, segundo a ideia de Machado (2013, p. 195):

As razões que influenciaram a criação das empresas estão ligadas à insatisfação das mulheres com as condições anteriores de trabalho e renda, independentemente da época da criação, do capital inicial, do nível de escolaridade ou da ocupação anterior das empreendedoras. Algumas condições antecedentes podem ter contribuído para elas assumirem o risco de abrir um negócio, pois a maioria delas teve modelos de empreendedores e contato com esses profissionais.

Das (1999 apud MACHADO, 2003) aponta que existem dois tipos de motivações para as empreendedoras, uma é circunstancial, que geralmente começam seus negócios sem planejamento prévio, mas a partir de uma situação de necessidade. Em contrapartida existe a de cunho pessoal, onde as empresárias buscam realização pessoal, ascensão na carreira, geralmente buscam empreender porque estão insatisfeitas com os seus trabalhos. Embora, os números apontem resultados promissores, ainda existem alguns obstáculos a serem enfrentados, a seguir serão apresentados conceitos e dificuldades bem como explanação de outras pesquisas acerca do tema.

2.2 Dificuldades enfrentadas no processo de empreendedorismo feminino

Sabe-se da importância do incentivo da criação de novas empresas e o impacto social e econômico que elas representam no contexto em que estão inseridas, portanto, se faz necessário entender quais são as motivações e dificuldades desses novos entrantes no mercado, particularmente, quando se fala em empreendedorismo feminino, já que conforme dados publicados pela Global Entrepreneurship Monitor (2007, 2009), as mulheres representam 42,7% da constituição de novas empresas no Brasil.

É possível observar pelas abordagens em literaturas que tratam do empreendedorismo, que o modo que os autores tratavam o tema é generalizado, não permitindo ter um enfoque nas particularidades na maneira homens e mulheres conduzem seus negócios. De acordo com AHL (2006 apud GOMES et al., 2014), “o estudo sobre mulheres empreendedoras remonta à década de 1970. Até então apenas os homens eram objeto de pesquisa nos estudos sobre empreendedorismo”. Em conformidade com essa premissa, observa-se que há pouco esse tema é estudado mais profundamente, tornando-se mais difícil a análise das dificuldades encontradas pelas mulheres enquanto donas do seu próprio negócio.

São diversos os fatores que envolvem o processo de criação de uma empresa, além de questões financeiras, planejamento, as questões pessoais de quem está a frente do negócio são cruciais no momento da tomada de decisões, no que tange às mulheres as questões socioculturais tem um peso maior, devido a visão do papel da mulher na sociedade, que é atrelada à família e aos cuidados domésticos, cabendo a elas ter que conciliar trabalho e família.

Além do fatores citados acima também devem ser levados em consideração, os de saúde e bem-estar emocional da mulher, questões como estresse, sobrecarga pela conciliação das tarefas e dificuldades nos relacionamentos pessoais (MCGOWAN; REDEKER; COOPER; GREENAN, 2012). Porto (2002) também pontua que as mulheres empresárias sentem-se culpadas por deixarem os filhos no cuidado de terceiros ao optarem pela busca da realização profissional.

Outro obstáculo a ser observado é o relacionado com fontes de financiamento, em geral quando as mulheres dão início a seus empreendimentos, não dispõem de recursos financeiros para tal, à vista disso a alternativa que encontram é conseguir capital com pessoas próximas, como cônjuge e familiares, o que eleva a responsabilidade no que se refere a pressão do mesmos em relação ao sucesso do empreendimento (ALPERSTEDT; FERREIRA; SERAFIM, 2014).

Em concordância com o que foi mencionado, é possível verificar através de dados publicados pela Global Entrepreneurship Monitor (GEM), em 2010, que 25 % das empreendedoras notaram um tratamento diferente por serem mulheres, em

frente às empresas que subsidiam novos negócios, o que configura mais uma desvantagem no processo.

Ainda de acordo com o estudo realizado por Alperstedt, Ferreira e Serafim (2014), os autores afirmam que apesar das empreendedoras passarem por dificuldades que todos passam ao abrir seu próprio negócio, as seguintes dificuldades são agravadas por essas empreendedoras serem mulheres: “a falta de credibilidade dos clientes, fornecedores e funcionários nas empresas relacionadas atividades consideradas masculinas. Preconceitos também foram decorrentes da pouca idade das empreendedoras” (ALPERSTEDT; FERREIRA; SERAFIM, 2014, p. 232).

Fabício e Machado (2012) também elencam em suas pesquisas algumas das maiores dificuldades no processo de criação da empresa, segundo eles, são:

- 1) **Falta de apoio dos familiares:** A falta de apoio família foi um dos fatores mais relevantes apontados na fase inicial do processo de criação das empresas, o que configura um dos maiores conflitos enfrentados pelas mulheres no momento de tomada de decisão.
- 2) **Dificuldades por terem filhos:** Como citado anteriormente, a questão familiar é um grande dilema enfrentado pelas mulheres no âmbito profissional, gerando conflitos e sobrecarga na conciliação de tarefas.
- 3) **Falta de experiência no ramo:** Um conflito enfrentado pela maioria dos novos empreendedores, mas no que tange ao âmbito feminino, essa falta de confiança e experiência é proveniente comumente em setores que são dominados pelo sexo masculino.
- 4) **Falta de experiência gerencial:** De acordo com o corte temporal abordado na pesquisa, esse foi um dos fatores que mais diminuíram ao longo do tempo devido à maior participação da mulher no mercado de trabalho.

Dentre outros fatores, que também foram citados: falta de confiança, ausência de informações sobre o ramo de atuação pretendido, não ter contato com outras empresas, medo de deixar o emprego, entre outros.

2.3 Perfil de gestão e competências das mulheres empreendedoras no Brasil

Para entender o fenômeno do crescimento do empreendedorismo feminino no Brasil é preciso entender também quais são os atributos que as diferenciam, Gomes (2015) cita em sua pesquisa realizada no estado de Minas Gerais com um grupo de empresárias, que dentre as principais características apontadas estão a responsabilidade, a dedicação, a identificação com o seu negócio. Elas são apaixonadas e fazem o que gostam. São mulheres consideradas honestas, otimistas e determinadas. Esses são traços importantes para a abertura e manutenção de um negócio nesse cenário de tantas mudanças.

Por outro lado, na pesquisa de Gomes (2015, p. 59) foi identificada a “necessidade destas empresárias desenvolverem características como: controle interno; habilidade de liderança; tendência a correr riscos; poder de persuasão; criatividade; ter foco; ambição; e autoconfiança”. Essas características se tornam importantes para a empreendedora, principalmente à medida que a estrutura organizacional e hierárquica de sua empresa vai crescendo.

Para Machado (2013 p. 50) as diferenças tornam-se visíveis pela questão do homem separar o particular do público, ou seja, cabe à mulher ter que desempenhar vários papéis, enquanto o primeiro tem a vantagem de focar em seu negócio, somente. A autora diz que:

O homem é mais dirigido, mais preparado e objetivo, já as mulheres caminham por vias paralelas, são mais flexíveis, têm menos preparo e em função de terem de desempenhar diversos papéis (mãe, esposa, empresária, entre outros), são mais versáteis e criativas, obtendo soluções diferenciadas para as mesmas situações.

Corroborando com estudo supracitado, Gouvêa (2008), no que se referem às diferenças entre homens e mulheres no modo de gestão de organizações, afirma que, por as mulheres terem que conciliar seu trabalho com a administração da sua empresa, elas costumam ser mais flexíveis e mais criativas.

Do mesmo modo, também citou que o homem tem uma postura mais centralizadora e paternalista, tendo assim resistência em compartilhar informações com os outros membros de sua equipe, enquanto as mulheres tem mais facilidade nesse aspecto, o que lhes confere mais afinidade com sua equipe, sabendo que esta é parte importante para a obtenção de resultados para a empresa (GOUVÊA, 2008).

Percebe-se que quando os adjetivos femininos são citados, geralmente, são interpretados de uma forma que exprimam fragilidade ou fraqueza, isso também se aplica ao mundo dos negócios, mas para Machado, essas características se mostram positivas para as empresárias, é um dos fatores diferenciais no modo em que as empresárias enxergam sua empresa e seus colaboradores, para ela:

A combinação de características masculinas, como iniciativa, coragem, determinação, com características femininas, como sensibilidade, intuição, cooperação, definem um estilo próprio de gerências por parte das empreendedoras. Esse estilo, aliado à intensa dedicação ao trabalho por parte das mulheres empreendedoras, contribui para as altas taxas de sobrevivência de empresas geridas por mulheres (MACHADO, 1999, p.7).

Silva et al. (2019 p. 264) em um estudo realizado com 183 empreendedoras faz uma correlação entre o empreendedorismo feminino com a resiliência humana, a pesquisa aponta que apesar das dificuldades enfrentadas pelas mulheres, a resiliência se torna um fator muito importante para o sucesso de suas empresas, dessa forma, os autores afirmam que “a resiliência pode desempenhar um papel importante na motivação de mulheres que enfrentam adversidades em suas atividades empreendedoras mas que querem seguir em frente em seus negócios”.

Alperstedt et al. (2014 p. 232) demonstra em sua pesquisa, confirmando o que os autores acima propõe que:

Ao longo do processo, as dificuldades trouxeram aprendizado e mais força para dar continuidade ao negócio, o que ocorreu na forma de acertos e erros e que leva à busca constante do conhecimento. Pode-se admitir, ainda, que as mulheres empreendedoras com diferentes perfis, escolaridades, origens, estrutura familiar, conhecimentos e com empresas constituídas em diferentes setores e em épocas distintas, chegam a uma mesma constatação: ir atrás do sonho de empreender vale a pena. De acordo com as narrativas das empreendedoras, apesar dos problemas enfrentados, as suas jornadas foram marcadas.

Ademais, Machado et al. (2017) pontuam que o nível de escolaridade é um fator muito importante também para que a empreendedora possa entender quais são as necessidades da empresa e possa traçar um plano estratégico mais estruturado. Também afirma em se estudo, que as empresárias mencionam que uns dos

determinantes do sucesso são: “a quantidade de horas de trabalho dedicadas ao negócio, o conhecimento prévio, a capacidade de ser criativa e inovadora e a diversificação de produtos e serviços” (MACHADO; GUEDES; GAZOLA 2017, p. 96).

Por fim, baseando-se nos conceitos mencionados acima, na próxima seção serão apresentados os procedimentos metodológicos empregados nessa pesquisa.

3 MÉTODO

O presente estudo teve como objetivo analisar a história de vida de mulheres que empreendem na Região da Fronteira Oeste do Rio Grande do Sul, e para esse fim, foi utilizada como abordagem metodológica uma pesquisa qualitativa, que em síntese, não se preocupa com a representação numérica, mas sim a análise de um fenômeno ou de uma organização social respeitando as particularidades de cada caso (GOLDENBERG, 1997, p. 34).

No que se refere ao método de pesquisa foi escolhido o de história oral temática de mulheres empreendedoras a fim de entender suas trajetórias, motivações e dificuldades durante o percurso de vida voltada para o empreendedorismo. Para Meihy e Holanda (2015, p. 17), a “história oral é um recurso moderno usado para a elaboração de registros, documentos, arquivamento e estudos referentes à experiência social de pessoas e de grupos”. Ainda, segundo esses autores, o método de história oral é “um processo de aquisição de entrevistas inscritas no ‘tempo presente’ e deve responder a um sentido de utilidade prática, social, e imediata”. Segundo Portelli (1997), é essencial entender as significâncias das histórias orais que oferecem ao pesquisador elementos valiosos a partir de suas fontes de dados. Com relação ao tipo de história oral, nesse estudo, utilizou-se a história oral temática (MEIHY; HOLANDA, 2015), pois se buscou investigar com essas mulheres sua trajetória de vida concernindo o tema do empreendedorismo, ou seja, como elas chegaram historicamente a se constituírem hoje, no presente, em mulheres empreendedoras.

A técnica para a coleta de dados escolhida foi a entrevista semiestruturada que, de acordo com Queiroz (1988), ocorre quando há uma conversa entre entrevistadora e informante, com um roteiro definido anteriormente para que não aconteçam desvios e para que o pesquisador consiga atingir os objetivos predefinidos.

A coleta dos dados foi dividida em três rodadas, sendo a primeira entrevista feita com o objetivo de conhecer as empreendedoras, criar um vínculo para que assim estas se sintam à vontade em compartilhar suas histórias com a pesquisadora. Na segunda rodada, foram feitos os questionamentos referentes à pesquisa, tornando-se assim possível que os objetivos definidos possam ser alcançados. Por fim, uma terceira e última rodada foi importante para resgatar algo da memória que nos encontros passados podem ser ativados e passados despercebidos pelas respondentes. Os roteiros que conduziram cada rodada constam nos Apêndices A, B e C.

A escolha do grupo de respondentes se deu através de conveniência e facilidade da pesquisadora às informações (FLICK, 2009). Nesse sentido, trata-se de um grupo de cinco mulheres da região da Fronteira Oeste, que possuem micro ou pequenas empresas. A técnica de análise utilizada nos resultados foi elaborada a partir da análise interpretativa orientada por Gil (1999):

A análise tem como objetivo organizar e sumariar os dados de tal forma que possibilitem o fornecimento de respostas ao problema proposto para

investigação. Já a interpretação tem como objetivo a procura do sentido mais amplo das respostas, o que é feito mediante sua ligação a outros conhecimentos anteriormente obtidos (Gil, 1999, p. 168).

Assim, os dados coletados através das entrevistas foram analisados à luz dos conceitos teóricos abordados por autores que seguem essa linha de pesquisa, para que dessa forma os resultados possam retratar melhor a realidade e contribuam para a construção de conhecimento acerca desse tema.

4 ANÁLISE DOS RESULTADOS

As análises a seguir estão elaboradas a partir de três categorias analíticas. Primeiramente, apresenta-se o perfil das mulheres empreendedoras investigadas. Em seguida, discute-se sobre as principais dificuldades que elas enfrentam para empreender e, por fim, discorre-se sobre as características de gestão dessas mulheres.

4.1 Perfil das mulheres empreendedoras investigadas

Os resultados da presente pesquisa foram obtidos através da realização de três rodadas de entrevistas com as empreendedoras, sendo elas, duas empreendedoras de Rosário do Sul, duas de Santana do Livramento e uma da cidade de São Gabriel. A escolha das entrevistadas foi de maneira direcionada, por conveniência da pesquisadora. As mulheres entrevistadas possuem a faixa etária de 31 a 69 anos, três delas atuam no ramo alimentício, uma no segmento agropecuário e uma no ramo da estética.

A primeira entrevistada, que vai ser nomeada como E1, possui um restaurante em Santana do Livramento, onde ela oferece o serviço de almoço e também oferece o aluguel do espaço e o serviço de buffet para a realização de eventos à noite no seu estabelecimento. Trata-se de um negócio formal, que está estabelecido na cidade há um ano. A proprietária possui uma formação que lhe concede maior experiência gerencial, pois é graduada em Administração e possui Técnico em Contabilidade.

A segunda entrevistada, nomeada como E2, possui uma loja de doces artesanais em Santana do Livramento, na qual, além de vender os doces à pronta entrega, ela também trabalha com a encomenda dos doces, salgadinhos e tortas para eventos. O negócio é regulamentado desde a sua abertura, atuando na cidade há oito anos. A empreendedora, quando abriu seu negócio, possuía Graduação em Letras, porém, viu a necessidade de ter um diploma na área de Gestão, para auxiliá-la em suas atividades na empresa, por isso formou-se em Administração. Atualmente, ela já está concluindo seu Mestrado.

A terceira entrevistada, que vai ser chamada de E3, trabalha no ramo agropecuário em Rosário do Sul. Possui e administra junto com seu marido uma cerealista, que recebe, estoca e vende grãos, sendo eles arroz e soja. Também administra e possui três fazendas, na qual é responsável pela admissão de funcionários, gerenciamento, compra de insumos, etc. Todos seus empreendimentos são regulamentados. A entrevistada 3 é a única que não possui graduação, ela possui o Ensino Fundamental incompleto.

A quarta entrevistada, E4, trabalha no ramo da estética, possuindo um estúdio de massoterapia. Além oferecer os serviços de massoterapia, também trabalha com drenagem linfática e pós-operatório. Ela ainda não possui regulamentação, pois

trabalha há pouco tempo, mas pretende fazê-la em breve. A empresária é formada Administração e Contabilidade. Também possui pós-graduação em Gestão Pública.

A quinta entrevistada, E5, possui um empreendimento na cidade de São Gabriel, no qual vende tortas artesanais e tortas artesanais congeladas. Também possui representantes nas cidades de Rosário do Sul e Porto Alegre. O empreendimento é registrado desde 2013, mas ela trabalha com a venda de tortas desde 1991. Possui Graduação em Economia e já teve uma empresa antes dessa que ela trabalha atualmente.

Todas as entrevistadas possuíam uma ocupação antes de abrirem seu negócio, e quando questionadas sobre suas motivações para empreender, a maioria relatou ser a independência financeira um dos principais fatores para abandonar o emprego, bem como a possibilidade de conciliar o trabalho com a criação dos filhos e a flexibilidade de ajustar seus horários. Isso se ressona com o que afirma Dhaliwal (2006 apud GOUVÊA, 2013), que as principais motivações para essas mulheres saírem de seus empregos são a independência financeira, flexibilidade de horários e a possibilidade de conciliar o cuidado dos filhos. Podemos identificar essa questão na fala da E1, no seguinte trecho:

Eu terminei, fiz um acordo com essa empresa que eu trabalhei lá, Super Tex, de concretos e matérias de construção. Que eu tinha um conceito bom assim, um cargo de confiança até, assim, eu acho. E aí eu conversei com eles que eu precisava sair, né? Aí eu abri uma loja lá. Porque eu queria estar mais perto dos filhos, entende? Aí, não foi nem tanto pelo ganho, porque o salário era razoavelmente bom. Na época, era em torno de três mil, imagina, hoje, quem ganha três mil já fica feliz, imagina há um tempo atrás. Então, eu pensei: "Não". Pelo que eu me desenvolvia na área comercial, eu ia abrir um comércio.

Já a E2, diferente das demais entrevistadas, afirma que abriu seu negócio por autoafirmação, sendo um ponto interessante a se observar, pois não são só as questões financeiras que motivam as mulheres a empreenderem, outros fatores podem pesar na sua decisão, bem como, suas aptidões pessoais, visão de negócio. Fatores que variam de mulher para mulher. Baseados em suas vivências, cultura, escolaridade. Podemos observar isso, no relato da entrevistada 2, no trecho à seguir:

Na verdade, era porque eu queria abrir a minha empresa, nunca pensei na parte da independência financeira. Porque na verdade quando tu tem um negócio, tu não tem uma independência financeira, porque tu é escravo do negócio e outra tu fica com o que sobra. então não sei né, até que ponto chega a ser independência financeira, eu abri um negócio porque, para ter uma independência moral, eu acho que era isso que eu buscava no meu negócio. Não o financeiro, não era nenhuma dessas alternativas aí, eu acho que era, mais isso, eu queria me auto afirmar através do meu negócio próprio.

Também, de acordo com a teoria proposta por Machado et. al (1999) a maioria das empreendedoras tem um bom nível educacional e tem pais empreendedores que servem como exemplo. Com base nessa informação é possível aferir, que a maioria das entrevistadas possuem um bom nível educacional, sendo que quatro delas são graduadas, uma possui pós-graduação e uma está concluindo o mestrado. Afirmando a ideia que a autora propõe, a E2 que é Graduada em Administração e está na fase de conclusão do seu mestrado, relata, no seguinte trecho:

Eu tinha a ideia de que eu tinha que ser a Dona do meu próprio negócio sempre. Talvez pelo meu pai, sempre teve escritório, ele foi um profissional independente. Talvez isso, tenha, de repente, influenciado. Esse período foi quando eu tinha ali um, dos meus dez aos quinze anos mais ou menos. Então, eu convivi nessa faixa assim, convivi com... eu ia no escritório, ficava lá, tinha computador, tinha uma série de coisas que me motivavam assim. E também, dele ser uma pessoa extremamente trabalhadora, sempre voltada para o trabalho, acho que ele é minha referência de trabalho e como um todo.

Já a entrevistada E3, que é a única que não possui graduação, apenas o Ensino Fundamental, afirma que foram as necessidades passadas pela família que a motivaram a empreender, e a ter seu próprio negócio. O que evidencia que quando há falta de acesso à educação, a necessidade torna-se o fator predominante, pois sabe-se que quando a escolaridade é menor encontram-se mais dificuldades. Isso pode ser observado pela fala da entrevistada:

Nós viemos da Itália, sou bisneta de pessoas que vieram da Itália! Passamos muita fome, muita necessidade, então aprendi com os meus pais que nós tínhamos que economizar muito, para poder adquirir, nós não tínhamos poderes.

Em contrapartida, as entrevistadas E4 e E5 afirmaram que não tiveram influências familiares para que viessem a se tornar empreendedoras. Elas foram categóricas em suas respostas, e o que elas mencionam vai ao encontro das teorizações propostas por Das (1999 apud MACHADO, 2003) em que o autor afirma que existem motivações circunstanciais e de cunho pessoal no empreendedorismo feminino. No caso das duas, seria de cunho pessoal, pois afirmaram que saíram do seu trabalho, buscando empreender, buscando realização pessoal, o que pode ser notado pela fala da E5, que diz:

Eu tenho uma produção de tortas que eu comecei a trabalhar por influência de uma amiga, que me falava que eu era capacitada, eu que gostava de fazer tortas e que eu deveria montar meu próprio negócio. Então em 1991, eu comecei a fazer, comecei no ramo de tortas, e já foi um sucesso no final de ano, já vendi bastante, e a partir daí eu não parei mais, anos trabalhando, cada vez produzindo mais, com mais clientela, com bastante sucesso, aqui em São Gabriel.

Após entender um pouco de suas motivações, passamos para o próximo tópico de análise, que se trata das dificuldades enfrentadas pelas entrevistadas no processo empreendedor.

4.2 Dificuldades enfrentadas no processo de empreendedorismo feminino

Quando questionadas sobre suas dificuldades durante o processo empreendedor, as entrevistadas colocaram diversos problemas que enfrentaram e sua trajetória e em diferentes momentos de suas vidas. Quatro das entrevistadas possuem filhos e família, e essa é uma questão importante para análise, para entender a multiplicidade dos papéis, exercidos pela mulher enquanto trabalhadora e dona do seu próprio negócio. Porto (2002) afirma em sua pesquisa que as mulheres empreendedoras sentem-se culpadas por deixarem seus filhos aos cuidados de outras pessoas para poder se dedicar ao seu negócio. Embora a maioria das

entrevistadas tenha afirmado em sua fala que ter filhos não foi uma dificuldade, percebe-se pelos seus relatos que a sobrecarga é muito maior em cima das mulheres, porque recai sobre elas a responsabilidade do cuidado dos filhos. Talvez por uma questão, sentimental, afetiva, elas não classifiquem isso como um problema ou dificuldade, porém podemos constatar o que foi dito pelo autor no trecho que foi relatado pela E4:

Nessa questão também da Gabriela, a Gabriela (filha), cresceu sendo cuidada por uma tia minha, que era nossa babá, a gente sempre acompanhando, mas eu sempre viajando. Aí eu fiquei grávida do Dudu, mas aí eu já estava pensando, nós já tínhamos uma estrutura, eu digo, que eu não queria mais, estar tão longe. Porque eu não conseguia acompanhar festa de dia das mães, coisas na escola e eu via que ela sofria. E aí, então, ela já estava com oito anos, a minha filha. Com quase nove, aí veio o Dudu, aí eu pensei: “Não, vai ser diferente”.

A entrevistada E2, apesar de ter relatado não ter filhos, enfatiza em sua fala, a pressão que sofre por parte de terceiros a tê-los. Isso, prova que além das inúmeras responsabilidades que envolvem criar e administrar uma empresa, ainda existem essas imposições sociais como casar e ter filhos. Como se, só assim uma mulher conseguiria ser validada como bem-sucedida. Por mais que ela não tenha a experiência de conciliar a maternidade com a gestão da sua empresa, quando questionada se achava que ter filhos impactaria na administração do seu negócio ela afirma em sua fala, o que o autor propõe em sua teoria:

Ah, impactaria, com certeza, porque é uma responsabilidade enorme ter filhos né? E assim, ó, eu costumo dizer que minha empresa é o meu filho. Porque as pessoas cobram né? Cobram que tu não tem filho, eu já sou casada fazem oito anos e as pessoas me cobram que eu não tenho filho. Mas na verdade eu digo assim: “Eu tenho um filho, tenho a minha empresa, minha empresa é meu filho, porque ela exige um esforço e uma dedicação tremenda, para que ela possa dar certo né?”

Alperstedt, Ferreira e Serafim (2014) afirmam em sua pesquisa, que outra dificuldade observada é a questão do financiamento e a obtenção de recursos por parte das mulheres que desejam empreender, que não possuem de recursos financeiros para abrir seu negócio, portanto, precisam recorrer a pessoas próximas, como familiares e cônjuges. O que acaba gerando sobre elas uma pressão maior para que o empreendimento dê certo, devido a dificuldade ao acesso aos recursos financeiros, que não um problema exclusivo das mulheres, mas sim, dos empreendedores em geral, o fato de ser mulher é um agravante. A entrevistada E2, quando questionada sobre a fonte dos recursos do seu empreendimento, afirmou que: “foi o Senhor X (marido) Na verdade, né... ele que tem dinheiro, porque a família dele que tem lá o campo lá fora, ele vendeu o campo e aí tinha esse dinheiro para investir. Desde o curso, até a parte da reforma, tudo foi ele”.

Enquanto as entrevistadas E1, E3, E4 e E5 em contraponto com a teoria relataram que abriram seus negócios com fontes próprias. Algumas delas, como tinham uma outra ocupação antes de abrir a empresa, tiveram a possibilidade de juntar dinheiro para que pudessem investir na criação do seu empreendimento. Fato que não anula também a dificuldade de acesso à fontes de financiamento porque se o acesso fosse mais democrático, essas mulheres poderiam investir mais, fazer aprimoramentos. Que pode ser corroborado na fala da E1 “Eu acho que,

sinceramente, que a única dificuldade, que eu acho que todo o empreendedor tem, é o capital". Ela também afirma que:

Banco nunca consigo nada! Na verdade, no máximo me dá um cartãozinho, cartão de crédito ali de mil, mil e quinhentos reais e deu. É muito burocrático, e é muito [...]Eu acho muito estressante ter que estar pedindo e o banco me negando. Então hoje eu não conto com banco para nada.

Alperstedt, Ferreira e Serafim (2014) também confirmam em seu estudo que as mulheres empreendedoras passam por todas as dificuldades que qualquer empreendedor passa, porém, essas dificuldades são agravadas pelo fato de serem mulheres. Baseada nessa prerrogativa, quando questionadas se já sofreram algum tipo de discriminação por serem mulheres, as empreendedoras E3, E4 e E5, afirmaram nunca terem percebido diferença de tratamento. Deve-se ao fato de que já estão bem estabelecidas no mercado, possuem um bom grau de instrução e também ao fato de que atuam em áreas em que são majoritariamente exercidas por outras mulheres, então, dessa maneira, as relações elas se tornem mais facilitadas, do que, por exemplo, se elas fossem atuar em um meio predominantemente masculino. Já a E1, lida com uma realidade diferente da vivida pelas outras entrevistadas, ela afirma que, para se sentir validada pelos homens com os quais ela negocia, precisa da presença de outro homem, no caso, o seu marido. Nota-se pelo seu relato, no trecho abaixo:

Muito importante. Toda vez que eu preciso falar com um homem, pra ver aluguel, alguma coisa, eu vou com meu marido. Por que? Porque eu sinto nas pessoas que existe um preconceito e um machismo ainda, entendeu? E aí, digo: "Não, é ele que decide". Aí a pessoa fica mais tranquila, porque o homem decide. Aonde que o homem trabalha? Será que ele vai pagar?

A E2, em conformidade com o que foi mencionado pelos autores acima, acredita, que há uma diferença de tratamento, mas além da questão de gênero ela também cita a questão racial como um fator muito forte. A E2 é a única empreendedora negra das entrevistadas, portanto, para além da questão de gênero, existem questões raciais envolvidas, por mais que não sejam escancaradas, o racismo velado e institucional, existe. Ter o marido ao seu lado pode ter ajudado a tocar o negócio e a superar essas questões. Mas é importante perceber que é muito forte para o mundo dos negócios ter uma presença masculina, ainda mais se for a de um homem branco à frente das relações de negócio, como relacionamento com os clientes, lidar com fornecedores e etc. Quando perguntada se ela notava diferenças de tratamento, ela relatou:

Mas pior que eu noto que tem, eu noto que tem diferença, tem diferença nas relações, tem diferença no tratamento, tem sim! Tem um descrédito quando é uma mulher que está à frente dos negócios. Outra coisa, a questão, não só do gênero, mas da cor, se tu for perceber, ali na minha quadra ou na região ali, quem é que tem negócio ali que é negro? Eu digo e eu falo isso pro Senhor X (marido): "Mas Senhor X, percebe? Não tem!" Eu te digo assim, me diz uma pessoa negra que é Dona do próprio negócio aqui na nossa quadra? Não tem! Então muito mais, não tanto o fato de ser mulher, de mulher, tem muita mulher que é Dona de loja de roupas, mais de boutique né? Mas agora de negra, não tem! Meu prédio mesmo ali, não tem nenhuma pessoa negra morando ali, só eu.

A questão racial ainda é um problema muito grave enfrentado no país, há uma falácia de igualdade racial que coloca as pessoas negras em desvantagem, e isso reflete bem na fala dessa empresária, ao relatar que percebe a desigualdade não somente no ambiente empresarial, mas também na vida pessoal. Depois de analisar as dificuldades enfrentadas por essas mulheres empreendedoras, observaremos, no tópico seguinte, os perfis de gestão das mulheres entrevistadas.

4.3 Perfil de gestão e competências das mulheres empreendedoras do Pampa

Para poder analisar os perfis das empreendedoras, é necessário entender as características que as diferenciam do perfil de administração masculino. Para Machado (2013), devido a multiplicidade de funções exercidas pela mulher, elas acabam se tornando mais flexíveis e criativas. Gouvêa (2008), que sugere que o homem tem uma posição mais paternalista e centralizadora de Gestão. A E1, ao ser questionada sobre as diferenças de administração e competências entre homens e mulheres, afirma que:

Entre homens e mulheres? Eu acho que até muitas vezes eu gostaria de pensar que nem o meu marido pensa, que nem um homem pensa. Porque ele não olha, o lado muitas vezes, pessoal da pessoa. Se ela tem algum problema, o que aconteceu para ela agir daquela maneira. E eu procuro saber, o porquê do que está acontecendo. Entendeu? O porquê de não estar entregando o meu resultado.

Por outro lado, discordando da teoria proposta, as entrevistadas E2, E3, E4 e E5 discordam que existem diferenças no modo de gerenciar, deve-se ao fato de que, elas acreditam que homens e mulheres possuem a mesma formação, por notarem que há uma participação maior das mulheres no mercado, tanto como donas do seu próprio negócio mas também exercendo papéis de destaque nas empresas, exercendo cargos com níveis hierárquicos superiores, que antigamente não costumavam ser ocupados por mulheres, então, por acompanharem essas mudanças acontecendo, observarem as mulheres tomando seu lugar no mercado, elas acreditem que as capacidades, as habilidades e o modo de gestão sejam os mesmos entre ambos os sexos. Ao ser questionada, a E2, relata que:

Acho que não existe uma diferença entre homens e mulheres. Existe uma diferença entre perfis de pessoas, tanto de personalidade, não vou dizer caráter, mas a personalidade, ela determina bastante.

Gomes (2015) em sua pesquisa, afirma que as características percebidas nas mulheres empreendedoras são identificação com seu negócio, dedicação, responsabilidade, isso é possível observar em todas as entrevistadas, todas elas procuraram abrir seu negócio motivadas pelos seus interesses e habilidades. Ao serem perguntadas sobre as características mais importantes para obterem sucesso em seus empreendimentos, as entrevistadas divergiram bastante em suas respostas, algumas delas mencionam características mais pragmáticas, voltadas para o negócio, não características pessoais como, por exemplo, pode-se observar na fala da E5:

Eu acho que um diferencial, eu acho que tu trabalhar com os melhores produtos, manter aquela qualidade, ser fiel ao teu cliente, né? E nunca perder aquela coisa que tu acha importante, né? De trabalhar, no caso eu

que sou a produtora, que produz a torta, ser honesta com teu cliente, a higiene, tudo te faz um diferencial para tu ter um sucesso.

O relato da E3, também diverge da teoria proposta, ela coloca a questão financeira como a característica mais importante, ela acredita que saber lidar com as finanças da empresa, é a qualidade mais importante para uma empreendedora obter sucesso. Muitas delas também entendem que são características gerenciais que são mais importantes, portanto elas citam em suas respostas ações voltadas a empresa, o espectro pessoal é colocado em segundo plano, sendo possível observar no trecho citado: “Não gastar mais do que adquire, sempre colocando na caneta o que que a gente está fazendo, tem que ser firme, não avançar muito pra depois não conseguir pagar, o nosso sucesso”. Também em contraponto com a teoria, a E2, coloca a questão da educação como um fator importante para o sucesso empresarial, ela descreve:

Eu acho que a capacitação né? O conhecimento, quanto mais a gente se apropria do conhecimento, mais poder a gente tem. Empreendedorismo é uma coisa muito mais ampla, se tu for analisar, realmente, isso é independente do gênero na verdade, homem, mulher todo mundo, mas se tu for perceber na questão dos negócios em si, mais complexo, é, eu acho que o conhecimento, vai levar essas mulheres ao empoderamento.

Para Machado (1999), a junção de características femininas e masculinas, é um dos principais motivos para a sobrevivência das empresas, sendo as características femininas, a sensibilidade, cooperação, intuição. Já as características masculinas coragem, proatividade, determinação. Muitas vezes, a mulher acaba perdendo sua identidade, as suas características e qualidades para poder se adequar nesse universo mais masculino, assemelhando-se a eles. Essa união de características masculinas e femininas é descrita na fala da E1, abaixo:

Eu acho que toda mulher ela, tem que ter, aquele “sensorzinho”. Tu nunca pode ser assim ó: aberta, ser o que tu é, porque tratando com homens e eles sempre vão querer um pouquinho de autoridade em ti ou tipo assim ó: “Essa guria não sabe nada” ou “Tá errada”.

Ademais, algumas entrevistadas citaram outros fatores divergentes das teorias apresentadas, como religiosidade, força de vontade, resiliência. Cada uma possui uma bagagem cultural muito diversa e, portanto, através dessa trajetória singular e dos seus conhecimentos, cada uma desenvolve habilidades e perfis de gestão que se adequam ao meio em que estão inseridas.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sabe-se da importância do empreendedorismo para o desenvolvimento regional de um estado e até de uma nação. Apoiar os micro, médios e grande empreendedores é essencial para o crescimento econômico. Acreditamos que, apoiar mulheres empreendedoras, mais ainda, pois dessa maneira, torna-se possível, aos poucos diminuir a desigualdade de gênero, colocando homens e mulheres em uma posição que possam concorrer no mercado pelas suas competências.

Partindo disso, o presente estudo buscou analisar a história de vida de cinco mulheres que empreendem na região da Fronteira Oeste do Rio Grande do Sul,

buscando através de seus relatos, entender a trajetória, as motivações, as dificuldades dessas mulheres quando decidiram abrir a sua própria empresa.

Deste modo, baseando-se no primeiro objetivo específico é possível aferir que a grande maioria das entrevistadas largou a atividade profissional que exercia anteriormente almejando ter independência financeira, flexibilidade de horários, a possibilidade de se dedicar mais a família e aos filhos. Além dessas motivações, vale destacar que todas possuíam uma grande identificação com seu negócio, evidenciando, assim, que a maioria das mulheres que empreendem abrem o seu negócio no ramo em que possuem interesse e aptidão, por isso colocam muito empenho em suas ações. Dessa maneira, fica claro ver o porquê dessas empresas estarem há tanto tempo no mercado. A questão familiar também mostrou ser um fator muito forte na tomada de decisão dessas mulheres, pois ver e conviver com pais empreendedores desenvolveu nelas a vontade de seguir os mesmos passos de suas famílias.

Seguindo com o segundo objetivo específico, é possível afirmar, através das dificuldades relatadas pelas empreendedoras, que a questão da conciliação entre negócio e família é delicada, pois acaba gerando uma culpa entre as mulheres por deixarem seus filhos aos cuidados de outras pessoas para poderem se dedicar à empresa. Esse fator acaba gerando em algumas mulheres uma sobrecarga, devido ao fato de que administrar uma empresa não é uma tarefa simples e mantê-la produtiva e competitiva no mercado exige muito esforço e dedicação, assim como cuidar dos filhos também; tanto que, uma das entrevistadas fez uma analogia ao dizer que seu filho é como a sua empresa, pois lhe exige muita dedicação. O acesso a fontes de financiamento também é uma razão pela qual as empresárias possuem dificuldade, pois relataram ser muito burocrático obter recursos por parte de instituições financeiras. Em vista disso, muitas delas recorreram a familiares mais próximos, utilizando também de economias que possuíam para que assim pudessem dar início aos seus negócios.

Conforme é observado na teoria, a questão de gênero ainda é muito forte, foi possível confirmar essa prerrogativa por meio das entrevistas. Algumas das entrevistadas relataram ainda notar no mercado a diferença de tratamento, descrença por se tratar de ser mulher no comando da empresa. Todavia, quando precisam negociar ou tratar com algum homem, sentem que não são levadas a sério, evidenciando um machismo ainda muito presente nas relações empresariais.

Além da questão de gênero, é importante salientar a questão racial que, apesar de não ser discutida no embasamento teórico deste trabalho, apareceu na pesquisa. O fato de ser mulher já é uma adversidade nos negócios, ser mulher e negra é ainda mais difícil, como citado por uma das entrevistadas. Há pouca representatividade, não só por parte de mulheres negras, mas também de homens negros donos do seu próprio negócio na região do Pampa.

Com o presente estudo, foi possível averiguar que as mulheres possuem um perfil mais flexível, mais empático para com os funcionários, diferentemente do perfil masculino que é mais paternalista e centralizador. As mulheres procuram ouvir mais e entender, absorvendo esses conhecimentos para melhorar a gestão da empresa.

Apesar da grande maioria não notar muitas diferenças no modo de gerenciar entre homens e mulheres, algumas delas afirmam em alguns momentos, que gostariam de possuir mais características masculinas, como por exemplo, serem mais firmes no trato com os funcionários, mais pragmáticas.

No geral, as mulheres entrevistadas mostraram austeridade na maneira que lidam com o dinheiro, fator que muitas delas reforçam e afirmam ser muito

importante na administração da empresa. São resilientes, pois apesar das dificuldades citadas por elas, não pensaram um momento sequer em abandonar seus negócios. Também acreditam que o aperfeiçoamento constante é chave para um negócio ser bem-sucedido; demonstrando responsabilidade e dedicação constantes para que o negócio dê certo.

As maiores dificuldades enfrentadas na realização deste estudo foram a disponibilidade de tempo em realizar os encontros, pois como o estudo foi realizado em três cidades diferentes e com cinco mulheres, muitas vezes haviam desencontros ou até mesmo falta de tempo por parte das empresárias.

Fica como sugestão para próximas pesquisas, o estudo da história de vida, da trajetória, bem como das dificuldades enfrentadas pelas mulheres negras que empreendem, pois pelos relatos de uma entrevistada dessa pesquisa, eventualmente, seja um bom campo a ser estudado, visto que existem poucos estudos tratando do assunto. Também fica como sugestão de pesquisa o estudo da história de empreendedoras que possuem baixa escolaridade, já que a maioria das entrevistadas dessa pesquisa tinha Ensino Superior completo. Seria interessante observar se há mulheres que empreendem por necessidade e como conseguem esse feito, ou seja, qual foi a trajetória que lhes possibilitou conseguir empreender.

REFERÊNCIAS

ALPERSTEDT, G. D.; FERREIRA, J. B.; SERAFIM, M. C. Empreendedorismo feminino: dificuldades relatadas em histórias de vida . **Revista de Ciências da Administração**, v. 16, n. 40, p. 221-234, 2014.

BARDIN, L.. **Análise de conteúdo**. Lisboa . Editora Edições 70; 2000.

BOMFIM, L. C. S.; TEIXEIRA, R. M. Empreendedorismo Feminino: desafios Enfrentados por Empreendedoras na Gestão de Pequenos Negócios no Setor de Turismo. **Revista Pensamento Contemporâneo em Administração**, v. 9, n. 2, p. 48-69, 2015.

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo, v.I, II**. Tradução Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

DRUCKER, P. **O melhor de Peter Drucker: a administração**. São Paulo: Nobel, 2002c.

DRUCKER, P. **O melhor de Peter Drucker: a sociedade**. São Paulo: Nobel, 2002a.

DRUCKER, P. **O melhor de Peter Drucker: o indivíduo**. São Paulo: Nobel, 2002b.

FABRÍCIO, J. S.; MACHADO, H. V. Dificuldades para criação de negócios: um estudo com mulheres empreendedoras no setor do vestuário. **Revista Gestão & Planejamento**, v. 13, n. 3, p. 515-529, 2012.

FLICK, U. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2004.

GEM – GLOBAL ENTREPRENEURSHIP MONITOR. **Empreendedorismo no Brasil – 2009**: relatório nacional. Curitiba: IBQP, 2009.

GEM – GLOBAL ENTREPRENEURSHIP MONITOR. **Empreendedorismo no Brasil – 2012: relatório executivo**. Curitiba: IBQP, 2012.

GEM – GLOBAL ENTREPRENEURSHIP MONITOR. **Empreendedorismo no Brasil**. Curitiba: IBQP, 2017.

GEM – GLOBAL ENTREPRENEURSHIP MONITOR. **Empreendedorismo no Brasil: sumário executivo**. Curitiba: IBQP, 2009.

GIMENEZ, F. A. P.; FERREIRA, J. M.; RAMOS, S. C. Empreendedorismo Feminino no Brasil: Gênese e Formação de um Campo de Pesquisa. **Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas**, v. 6, n. 1, p. 40-74, 2017.

GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar**. Rio de Janeiro: Record, 1997.

GOMES, A. F.; SANTANA, W. G. P.; ARAÚJO, U. P.; MARTINS, C. M. F. Empreendedorismo feminino como sujeito de pesquisa. **Revista Brasileira de Gestão de Negócios**, v. 16, n. 51, p. 319-342, 2014.

GOUVÊA, A. B. C. T.; SILVEIRA, A.; MACHADO, H. V. Mulheres empreendedoras: compreensões do empreendedorismo e do exercício do papel desempenhado por homens e mulheres em organizações. **Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas**, v. 2, n. 2, p. 32-54, 2013.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 1999. Como elaborar projetos de pesquisa. São Paulo: Atlas, 1987.

IBGE (2018), **“Pesquisa Nacional por Amstras de Domicílios Continua”**, II trimestre de 2018.

MACHADO, H. P. V. Tendências do comportamento gerencial da mulher empreendedora. In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO, 23. Foz do Iguaçu. **Anais...** Foz do Iguaçu: ANPAD, 1999.

MACHADO, Hilka V. **Identidade empreendedor de mulheres no Paraná. Florianópolis, 2002. Tese (Doutorado)** – Universidade Federal de Santa Catarina. Centro Tecnológico. Programa de Pós-Graduação e Engenharia de Produção, 2002.

MACHADO, H. V.; GAZOLA, S.; ANEZ, M. E. M. Criação de empresas por mulheres: um estudo com empreendedoras em Natal, Rio Grande do Norte. **Revista de Administração Mackenzie**, v. 14, n. 5, p. 177-200, 2013.

MACHADO, H. P. V.; GUEDES, A.; GAZOLA, S. Determinantes e Dificuldades de Crescimento para Mulheres Empreendedoras. **Revista Pensamento Contemporâneo em Administração**, v. 11, n. 1, p. 85-99, 2017.

MCGOWANA, P. et al. Female entrepreneurship and the management of business and domestic roles: Motivations, expectations and realities. **Entrepreneurship Regional Development**, USA, v. 24, n. 1-2, p. 53-72, 2012.

PORTELLI, A. O que faz a história oral diferente. In: **Cultura e Representação**. São Paulo: Projeto História, no. 14. Educação, 1997.

PORTO, Maria de Fátima Silva. **Com licença, eu vou à luta: mulheres empresárias de patos de minas – 1980-90**. 250 f. Tese (Mestrado) – Universidade de Uberlândia, 2002.

QUEIROZ, M. I. **Relatos orais: do “indizível” ao “dizível”**. In: VON SIMSON (org.) Experimentos com Histórias de Vida: Itália-Brasil. São Paulo: Vértice, 1988.

SEBRAE (2017), **“Perfil do Microempreendedor Individual”**. Relatório de pesquisa Sebrae

SEBRAE (2017), **“Indicadores de Crédito das MPE”**. Relatório de pesquisa Sebrae.

SEBRAE (2018), **“Transformação Digital nas MPE”**. Relatório de pesquisa Sebrae.

SEBRAE (2018), **“O Financiamento das MPE no Brasil”**. Relatório de pesquisa Sebrae.

SCHUMPETER, Joseph. “O Fenômeno Fundamental do Desenvolvimento Econômico”. In: **A Teoria do Desenvolvimento Econômico**. Rio de Janeiro: Nova Cultural, 1985.

TOSI, Marcela. **A Conquista Do Direito Ao Voto Feminino**. 2016. Disponível em: <<https://www.politize.com.br/conquista-do-direito-ao-voto-feminino/>> Acesso em: 15 de maio de 2019.

APÊNDICE A – 1ª RODADA DE ENTREVISTAS

- 1) Primeiramente, gostaria de saber qual ramo você atua profissionalmente?
 - a. Qual é o seu negócio, tamanho dele? (mix do produtos/serviços, fornecedores, tipo de clientela)
- 2) Você tinha outro emprego antes de abrir seu próprio negócio?
 - a. Se sim, quais foram os motivos que a fizeram sair e empreender?
- 3) Quais foram os principais fatores que a motivaram a empreender?
 - a. Teve algum tipo de influência de outras pessoas para abrir seu negócio?
- 4) Como você acha que o mercado aqui da região Fronteira Oeste lida com mulheres empreendedoras?
 - a. Como você percebe a questão da igualdade entre os gêneros para empreender aqui na região?
 - b. Me conte algum caso ou exemplo que justifica isso.
 - c. Você acredita que muda de acordo com os ramos de negócios? Por quê?
- 5) Você acha que pelo fato de ser mulher, isso lhe coloca em desvantagem competitiva em relação aos homens que empreendem no seu setor? Por quê?
- 6) Quais são as características que você acha que são primordiais para obter sucesso como empreendedora?

APÊNDICE B – 2ª RODADA DE ENTREVISTAS

- 1) Conte-me um pouco sobre sua infância, sobre como sua história de vida impactou na sua decisão em abrir seu próprio negócio.
 - a. Houve alguma influência familiar, escolar (professora/colega).
 - b. Como você acha que essa bagagem cultural, familiar, influenciaram para que você viesse a empreender?
 - c. Você tem familiares que tem seu próprio negócio ou és a primeira na família?
 - d. No seu grupo de amigas, existem outras empreendedoras?
 - e. Como vocês lidam com isso? Costumam conversar sobre seus negócios?
- 2) Hoje as mulheres tem que desempenhar vários papéis durante a vida, conciliar estudo, trabalho, família. Nesse sentido, queria saber se você é casada e se tem filhos?
 - a. Se sim, como você acha que isso impacta na administração de sua empresa?
- 3) Quais foram as maiores dificuldades que você percebeu desde a ideia de criação e planejamento para abrir teu negócio até o estabelecimento dele no mercado?
 - a. Você acredita que algumas dessas dificuldades estão relacionados ao fato de ser mulher?
- 4) Se se sentir à vontade para falar, poderia responder quais foram as fontes de financiamento para abrir seu negócio, próprias ou de instituições financeiras?
 - a. Como você avalia que ocorreu teu acesso a essas fontes?

APÊNDICE 3ª RODADA DE PERGUNTAS

- 1) Para você, quais são as maiores diferenças no modo de gerenciar entre homens e mulheres?
 - 2) Na sua percepção do cenário atual brasileiro, você acha que o mercado é receptivo com as mulheres?
 - a. Como você acha que é possível nos colocarmos em igualdade competitiva com os homens enquanto empreendedoras?
 - 3) Resgatando as entrevistas passadas, você diria que abriu a sua empresa mais por necessidade ou por querer ter independência financeira?
 - 4) De acordo com as informações passadas, em relação às dificuldades mencionadas, você acha que elas ainda persistem ou já conseguiu superá-las?
 - 5) Como você se sente sendo dona do próprio negócio?
- Por fim, que mudanças você percebeu em si, após se tornar uma empreendedora, sejam elas mudanças pessoais ou profissionais?